

**AUSTERIDADE:  
defesa dos interesses de classe, ontem e hoje**

***AUSTERITY:  
defense of class interests, yesterday and today***

---

Aristóteles de Almeida Silva\*

MATTEI, Clara E. **The capital order**: how economists invented austerity. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

**RESENHA**

Clara Mattei apresenta uma obra de notável relevância, especialmente à luz do cenário vivenciado no Brasil desde o impeachment ilegítimo de 2016 (QUEIROZ, 2021). Ela traz novas perspectivas para debates que, embora não sejam novos, continuam a moldar a agenda econômica e a política global. Um dos destaques do livro é como ele recontextualiza a discussão sobre austeridade econômica, explorando suas raízes históricas em duas experiências do pós-Primeira Guerra Mundial, ou seja, na Inglaterra e na Itália.

O diferencial do livro de Mattei é sua análise da austeridade sob a perspectiva das classes sociais. Embora não seja inédito interpretar a austeridade como uma imposição dos interesses das classes capitalistas (MILLOS, 2020; SHEFNER; BLAD, 2020), o que Mattei faz de forma singular é resgatar as primeiras experiências modernas de austeridade, no início do século XX – ou nos primeiros anos da Era de Catástrofe, como denomina Hobsbawm o período entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 2010) –, caracterizando-as como uma reação antidemocrática diante das ameaças à ordem do capital.

Com habilidade, ela aborda a austeridade de maneira interdisciplinar, ampliando consideravelmente o escopo de análise, a ponto de seu livro não se enquadrar estritamente no âmbito econômico. Ao realizar um estudo interdisciplinar, Mattei proporciona uma análise original e profundamente relevante sobre a austeridade.

---

\* Professor do Instituto Federal de Brasília (IFB). Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: aristoteles@hotmail.com.br.

A autora investiga as origens históricas da austeridade por meio de uma extensa pesquisa em arquivos na Itália e na Inglaterra, visando traçar a trajetória de economistas que desempenharam um papel fundamental na formulação e introdução de políticas de austeridade. E para evitar uma abordagem compartimentalizada das diversas esferas de suas vidas, ela integrou as obras acadêmicas, as intervenções políticas e os comentários públicos desses atores sociais. O resultado desse esforço é uma reconstrução vívida das ações desses atores-chave, que desempenharam um papel fundamental na primeira onda de políticas de austeridade.

Durante a Primeira Guerra Mundial, emerge a crise mais significativa enfrentada pela ordem capitalista até aquele momento. Nesse contexto, o despertar de ações anticapitalistas foi facilitado pelas medidas governamentais extraordinárias adotadas durante o conflito, que interromperam a acumulação de capital pelos industriais. Devido à guerra, os governos se viram obrigados a intervir naquilo que era considerado o domínio natural do mercado. A intervenção estatal permitiu aos aliados vencer a guerra, mas, por outro lado, deixou claro que as relações salariais e a privatização da produção eram opções políticas em uma sociedade dividida por classes. Após o capitalismo perder sua inocência e revelar suas tendências classistas, a austeridade foi utilizada para reimpôr a ordem do capital que havia sido perdida.

Ambos os países selecionados pela pesquisadora, apesar das muitas diferenças, recorreram à austeridade como um meio de retomar o processo de acumulação de capital. Eles sacrificaram a cidadania e fundamentaram suas políticas de austeridade com base em teorias econômicas semelhantes. Além dos fatores internos que levaram à adoção das medidas de austeridade, havia também a ameaça externa, ou pelo menos o exemplo que poderia inspirar a classe trabalhadora em outros países, a saber, a Revolução Russa que eclodiu em plena Primeira Guerra Mundial (HOBSBAWM, 2010). Dessa forma, a austeridade, tal como a conhecemos hoje, teve suas origens no início do século XX, surgindo após o final da Primeira Guerra Mundial como uma resposta à crise do capitalismo

Mattei, ao analisar a austeridade pela perspectiva da luta de classes, avalia seus resultados não apenas por indicadores econômicos, mas principalmente pelo quanto ela contribuiu para a restauração da ordem capitalista. Nesse contexto, a austeridade é entendida como “um método para evitar o colapso do sistema capitalista” (MATTEI, 2022, p. 4, tradução nossa).

Essa abordagem fica mais clara quando se considera que a autora faz uma distinção entre a crise econômica, relacionada aos ciclos de acumulação de capital, e a crise do próprio

capitalismo, que diz respeito às ameaças à relação central do sistema, ou seja, à produção voltada para o lucro, juntamente com seus dois pilares fundamentais: a propriedade dos meios de produção social e as relações trabalhistas entre proprietários e trabalhadores, ou seja, à ordem do capital. No entanto, a autora não explicita se considera a crise do capitalismo como uma condição necessária para a adoção de medidas de austeridade, e parece oscilar entre uma resposta afirmativa para as primeiras ações de austeridade e uma resposta negativa para a onda de medidas mais recentes.

O livro é estruturado em duas partes, na primeira, intitulada “*War and Crisis*”, composta de quatro capítulos, ela analisa o impacto da intervenção estatal na economia em razão da guerra, e como as tensões econômicas, sociais e políticas atingiram o auge no início da década de 1920 nos dois países analisados. Já na segunda parte, com o título de “*The meaning of austerity*”, composta de seis capítulos, é tratada a reação de classe, que se manifestou sob a forma de austeridade, imposta pelo fascismo na Itália, e pela democracia liberal na Inglaterra. O livro conta também com um posfácio, no qual a autora dialoga com algumas obras recentes sobre a formação da primeira geração de neoliberais.

No primeiro capítulo, é analisado como a intervenção política nas relações industriais durante o conflito armado politizou a economia. O capitalismo que começou a se tornar preponderante na Europa a partir do século XVIII, foi gradualmente naturalizado. Nesta perspectiva naturalizada do capitalismo, a economia era considerada objetiva, pois funcionaria segundo leis naturais da economia, as quais seriam precisas e determináveis cientificamente, como, por exemplo, a lei de oferta e demanda. Dentro desse domínio objetivo, a coerção econômica é ocultada, pois assume uma forma impessoal. Porém, a guerra provocou o colapso da divisão ideológica entre o econômico e o político. Os principais Estados beligerantes subordinaram a prioridade do lucro às necessidades políticas.

A própria economia de guerra desnaturalizou para os trabalhadores as relações de produção capitalista. A guerra provocou um deslocamento nas relações de poder entre o capital e o trabalho. A intervenção do Estado no mercado de trabalho, para evitar que os salários se elevassem dada a escassez de trabalhadores, criou as condições para que os trabalhadores se tornassem conscientes da ligação entre poder econômico e político.

A guerra fez com que os propósitos da acumulação de capital fossem questionados, o que é explorado no segundo capítulo. Um ano após o fim do conflito, a crise do capitalismo estava em curso em duas frentes: os trabalhadores desfiguravam as relações capitalistas de

produção; e os reconstrucionistas – pessoas dentro do próprio Estado ou a elite esclarecida – almejavam um conjunto novo de políticas sociais, segundo os princípios da justiça social e da redistribuição. Ambos os grupos se moviam em complemento um ao outro. Com isso, deslocou-se a prioridade do sistema econômico do lucro individual para a satisfação das necessidades sociais coletivas.

Quanto mais os trabalhadores pressionavam, mais os reconstrucionistas estavam dispostos a pressionar por uma nova ordem social. E as grandes reformas aumentavam as aspirações dos trabalhadores de romper com o sistema capitalista. Os italianos se aproximaram da ideia de revolução mais do que os ingleses. Para os reconstrucionistas, na Inglaterra, as reformas eram uma forma de moderar os movimentos operários, pois com elas poderiam ter algo a perder com a ruptura da ordem socioeconômica burguesa. Porém, paradoxalmente, aquilo que era uma forma de preservação do capitalismo, se revelou uma ameaça para ele, pelo menos para os economistas adeptos da ideia do “puro” capitalismo de *laissez-faire*. As políticas redistributivas implicariam um deslocamento de recursos do capital privado para a coletividade.

Nesse contexto, a crise de legitimidade atinge o núcleo do capitalismo, questionando a motivação do lucro. Isso é explorado nos capítulos terceiro e quarto. No biênio 1919/1920, nos chamados “*anos vermelhos*”, a agitação social atingiu o seu auge. As greves na Itália depois da guerra atingiram o ápice de mais do que o dobro em relação ao pré-guerra, e na Inglaterra aumentaram mais de seis vezes durante a transição da guerra para os tempos de paz, e elas se tornaram cada vez mais políticas. No auge dos “*anos vermelhos*”, além das greves, o movimento dos comitês de fábricas lutou pelo controle da produção, e no campo os trabalhadores rurais pelo controle da terra. O controle operário da fábrica da Fiat, em Turim, dá a dimensão do que estava em jogo para o capital. Na Itália, destaque-se a presença dos *Ordinovisti*, do qual Gramsci era uma das lideranças, na ocupação das fábricas em 1920.

As lutas sociais fizeram com que os trabalhadores alcançassem vitórias sem precedentes, seja em termos de ganhos econômicos, seja em representatividade política. Neste contexto, as distintas frações da burguesia italiana e inglesa deixaram as diferenças de lado e se uniram para enfrentar a ameaça contra a ordem do capital. Surge daí a reação fascista e a austeridade, que destruíram qualquer alternativa ao capitalismo.

Na segunda parte do livro, a autora chama atenção para o nascimento da austeridade como “*campeã do capitalismo*”, pois enfrentou e venceu as alternativas a ele. Passo decisivo na construção das políticas de austeridade foram as duas conferências financeiras internacionais

promovidas pela Liga das Nações: em 1920, em Bruxelas, e em 1922, em Gênova. O *establishment* do pensamento econômico, que se reuniu nas duas conferências sob a bandeira da tecnocracia, construiu e implementou a austeridade. Esse foi um ponto decisivo da ascensão da tecnocracia como protetora do capitalismo.

As duas conferências foram consideradas um fracasso e por isso foram pouco estudadas. Mattei, no entanto, aponta essas conferências como pioneiras na definição da austeridade moderna e analisa-as no quinto capítulo. Uma das recomendações da segunda conferência foi a independência dos Bancos Centrais para separar a política monetária de pressões democráticas, aponta a autora. Tal como hoje, as recomendações dos relatórios finais das conferências, que defendiam a austeridade, foram apresentadas como acima dos vieses de classe. A imagem de uma conferência técnica foi reforçada pela composição dos participantes, que eram em sua maioria economistas, com poucos políticos e sem representação da classe trabalhadora. Além disso, foram coletados dados de diversos países, em uma época em que a contabilidade nacional estava nos seus estágios iniciais de desenvolvimento, um aspecto ao qual a primeira geração de neoliberais dedicou considerável atenção (SLOBODIAN, 2018).

A oposição à austeridade era frequentemente rotulada como socialismo, bolchevismo ou paternalismo. As oposições às medidas de austeridade foram encaradas por meio de duas estratégias: o consenso e a coerção. Nos capítulos sexto e sétimo, são analisadas essas duas estratégias na introdução da austeridade na Inglaterra e na Itália. O economista inglês Ralph Hawtrey é uma figura de destaque nessa história, dado o pioneirismo em prescrever a austeridade como um antídoto natural contra a crise do capitalismo. Suas recomendações de terapia de austeridade praticamente foram transcritas na resolução da Conferência de Gênova (1922).

A culpa pela crise, para os defensores da austeridade, não vinha das contradições econômicas estruturais, ou da guerra, mas dos cidadãos desejarem viver acima de suas condições. Caberia à ciência econômica (neutra e conhecedora das verdades universais no domínio econômico) modelar e controlar o comportamento dos cidadãos, para que as condições de acumulação de capital fossem reestabelecidas. Os princípios fundamentais da austeridade durante a crise incluíam trabalho árduo, poupança, cortes no orçamento público e autodisciplina.

A pedra de toque das políticas de austeridade é a redução de salários. Hawtrey defende que os salários além de conduzirem a um excesso de consumo, levam também a um aumento

dos custos de produção. Isso se liga à teoria de Hawtrey sobre a inflação, cuja natureza é a expressão viciosa da natureza indisciplinada do crédito. A inflação ameaça o processo de acumulação e, além disso, tem sua causa apontada para a parte menos favorecida da sociedade. A partir dos textos dos tecnocratas ingleses, Mattei conclui que eles ilustram a sutileza da mensagem política da austeridade, que é racionalizar e justificar o deslocamento (extração) de recursos da maioria para a minoria. De acordo com esses tecnocratas, essa minoria virtuosa não é rica somente por causa de suas virtudes morais; eles também fortalecem o processo de acumulação de capital, que foi assumido como o próprio interesse nacional.

A três formas de austeridade – fiscal, monetária e industrial – funcionaram em uníssono para desarmar a classe trabalhadora e rebaixar os salários. A principal conquista, portanto, da trindade da austeridade, foi subjugar a classe trabalhadoras às leis impessoais do mercado. Logo, ao despolitizar a economia, gerando o recuo do Estado em atividades econômicas, foi possível: impor o comando das forças impessoais do mercado; fazer com que as decisões econômicas não estivessem mais submetidas ao escrutínio do processo democrático; e promoveu o conceito de uma teoria econômica neutra e objetiva, que por isso transcende as relações de classe.

Enquanto na Inglaterra a estratégia do “dinheiro caro” (*dear money*), através do aumento das taxas de juros, provou-se eficaz, na Itália, a austeridade só se concretizou com a ascensão do governo fascista de Benito Mussolini em 1922. Nesse contexto, o sucesso da austeridade dependeu do fascismo, e o fascismo, por sua vez, encontrou na austeridade um aliado essencial. As reformas implementadas por Mussolini representaram uma reversão significativa das políticas sociais anteriores, concentrando-se na restauração dos pilares fundamentais da acumulação de capital. Tanto os liberais italianos quanto seus homólogos britânicos e estadunidenses rapidamente reconheceram que um líder autoritário com plenos poderes era o meio mais eficaz de proteger o capitalismo contra seus adversários.

No oitavo capítulo, é analisado como os interesses externos influenciaram no triunfo da austeridade fascista. A posição de país dependente da Itália fez com que os credores internacionais exercessem uma forte pressão sobre a política econômica do país. O *establishment* italiano e inglês concordavam que os problemas econômicos da Itália só poderiam ser resolvidos depois de enfrentados os problemas políticos. Acima de tudo, as greves e as políticas redistributivas (como o subsídio do pão). Os financistas britânicos e

estadunidenses foram mais do que expectadores da austeridade fascista. Eles foram cruciais para apoiar o regime de Mussolini na ordem capitalista internacional.

A austeridade é eficiente em estabilizar as relações de classe e aumentar os lucros. No nono capítulo, isso é analisado por meio de uma série de dados estatísticos que mostram que a porcentagem dos salários na renda nacional diminuiu e que as taxas de exploração e lucro aumentaram.

E no décimo e último capítulo, Mattei argumenta que os resultados econômicos da austeridade corroboram a crítica keynesiana de que ela é uma política irracional, ou perigosa e errada (BLYTH, 2013), que falha em estimular o crescimento econômico. No entanto, como Mattei argumentou nos capítulos anteriores, a austeridade é eficaz na defesa dos interesses da classe dominante, sendo esse seu primeiro e principal objetivo. Portanto, se considerarmos esse critério como base para a análise, a austeridade pode ser considerada bastante eficiente, ontem e hoje.

Por fim, a partir de preocupações contemporâneas, Mattei lança uma nova luz sobre as origens da austeridade, fornecendo uma pesquisa inovadora e esclarecedora. Isso possibilita o surgimento de novas questões sobre a onda de austeridade contemporânea e a persistente influência do neoliberalismo (CROUCH, 2012). No entanto, algumas questões demandam uma análise mais profunda. Por exemplo, embora haja uma menção à relação entre neoliberalismo e austeridade, a obra apenas a toca superficialmente. Além disso, seria necessário investigar mais profundamente se a crise do capitalismo é uma condição necessária e/ou suficiente para a implementação de medidas de austeridade. Essa análise poderia levar a uma reavaliação da natureza da crise econômica global de 2008 e de seus efeitos persistentes na atualidade.

O livro de Mattei é fundamental para a compreensão da história do capitalismo e suas transformações ao longo do tempo, ressaltando que a luta de classes foi e continua a ser central no capitalismo, ainda que tenha se transformado ao longo do tempo. À luz do que ocorreu no Brasil na última década e do que ainda perdura no presente, a obra se revela como uma leitura provocativa, reveladora e essencial para diagnosticar o estado atual das coisas.

**Referências**

BLYTH, Mark. **Austeridade**: a história de uma ideia perigosa. Lisboa: Quetzal, 2013.

CROUCH, Colin. **La extraña no-muerte del neoliberalismo**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MATTEI, Clara E. **The capital order**: how economists invented austerity and paved the way to fascism. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

MILLOS, John. **A austeridade não é irracional**. 2020. Disponível em: <<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2015/11/a-austeriadade-nc3a3o-c3a9-irracional.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2020.

QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo. **Como remover um presidente**: teoria, história e prática do impeachment no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SHEFNER, Jon; BLAD, Cory. **Why austerity persists**. Medford: Polity Press, 2020.

SLOBODIAN, Quinn. **Globalists**: the end of empire and the birth of neoliberalism. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018.

Recebido em: 22/12/2023

Aceito em: 21/05/2026